

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral Paulo Cabral de Araújo	Diretor-Superintendente Edilson Cid Varela	Diretor-Responsável Ari Cunha
Editor-Geral Ronaldo Martins Junqueira	Gerente-Geral Alberto de Sá Filho	
Gerente Financeiro Evaristo de Oliveira	Gerente Técnico Ari Lopes Cunha	Gerente Comercial Mauricio Dinepi

Vocação brasileira

A vocação brasileira para a paz espelha-se fielmente no discurso que o presidente Sarney pronunciou ontem na Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque. "Não desejamos um mundo em que o pensamento tenha que ser imposto pelas armas" — acentua o governante brasileiro: em favor da liberdade, do livre confronto entre idéias, sem imposições.

Os sentimentos mais arraigados na vida brasileira estão, pois, no pronunciamento perante as Nações Unidas, na veemente defesa presidencial de valores como a integração universal, a liberdade individual e nacional, a rejeição ao recurso bélico, a livre negociação entre as nacionalidades.

Mantido em nível de otimismo quanto à superação dos conflitos internacionais pela negociação pacífica a fala do Presidente, aborda os horrores do conflito nuclear sem constituir-se numa peça apocalíptica. Em alto sentido, descortina perspectivas otimistas e civilizadas para a possibilidade de entendimento que sempre deve existir entre os povos colocados em conflito.

Essa perspectiva no pronunciamento do Presidente da República começa por embasar-se no esforço pela aproximação entre os Estados Unidos e União Soviética

operados pelos líderes Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev. No entanto, repele, mais uma vez com justiça, a concentração nas grandes potências das decisões que dizem respeito à humanidade.

"A tarefa da salvação é de todos, sem exclusão de todos" — adverte. "O enfraquecimento do multilateralismo é danoso à causa da paz" — confirma o presidente Sarney que o desarmamento das grandes potências, por louvável que seja quando elas tomam essa iniciativa, pela dimensão universal que encerra em si mesma, não pode ficar restrito aos dois países.

É necessário abrir espaço para outros povos. "Os países médios têm importante função a desempenhar nesta hora" — pondera o Presidente e observa, ainda, a notável aproximação que se realiza entre brasileiros e seus vizinhos argentinos e uruguaios.

Enfim, o pronunciamento presidencial de ontem oferece uma proposta concreta em favor do desarmamento e da paz, consubstanciada em três princípios fundamentais às relações universais: igualdade, confiança e solidariedade. Uma proposta que interliga os problemas da paz com a necessidade de justiça social.

Alívio necessário

Vem dos Estados Unidos o reconhecimento presidencial de que é preciso retirar dos ombros da classe média brasileira os excessos de uma pesada carga tributária acumulada sobre eles nos últimos tempos. Apesar de não pretender determinar mudanças na atual política econômica adotada pelas autoridades do Ministério da Fazenda e da Seplan, o presidente Sarney está convencido de que algo tem de ser feito em favor desse importante segmento populacional.

E verdade. Se não houver sensível alívio fiscal, a classe média chegará a um ponto de empobrecimento que comprometerá todo o esforço nacional de crescimento, pois seus integrantes são os grandes consumidores nacionais. Reduzidos em seu poder aquisitivo, o comércio sofrerá quedas progressivas com repercussões naturais no parque industrial.

Numa situação crítica como a do Brasil nos dias atuais, é imprescindível uma ação enérgica para reverter a inflação e trazer o déficit público para níveis mais baixos. Porém, não é a classe média quem deve arcar com os sacrifícios reclamados pela Nação. Há outros caminhos, que não passam também pelo simplismo de demitir servidores ou levá-los a uma inatividade indesejável por seus gravames financeiros. O bom-senso indica outras vias: supressão de subsídios vários, cortes profundos nos gastos de estatais negativas — ou mesmo sua liquidação — e austeridade máxima nos dispêndios oficiais.

Compreenda-se, enfim, a vontade presidencial de aliviar a classe média de uma fúria leonina cujo resultado pode ser a atrofia de todo o organismo nacional. Quando um presidente faz reparos a qualquer fato, isso é um sinal para alterações já.